



UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JENNIFER MARIA SILVA SOUZA

**O PAPEL DAS BENZEDEIRAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE: Escrivivências  
de uma família de benzedeiras**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

JENNIFER MARIA SILVA SOUZA

**O PAPEL DAS BENZEDEIRAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE: Escrevivências  
de uma família de benzedeiras**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Moema Alves de Macêdo

**Co-orientador:** Prof. Me. Miguel Coutinho Jr.

JENNIFER MARIA SILVA SOUZA

**O PAPEL DAS BENZEDEIRAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE: Escrivivências de uma  
família de benzedeiras**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Profa. Me. Moema Alves Macêdo

Co orientador: Prof. Me. Miguel Coutinho Júnior

Membro: Francyelly da Silva Felix

Membro: Alex Figueiredo da Nóbrega

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2024

# O PAPEL DAS BENZEDEIRAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE: Escrevivências de uma família de benzedeiras

Jennifer Maria Silva Souza<sup>1</sup>  
Moema Alves Macêdo<sup>2</sup>  
Miguel Coutinho Júnior<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral, compreender sobre contribuições de benzedeiras para a promoção em saúde em uma comunidade, através de relatos de suas experiências. Sua produção surge da necessidade da valorização dos povos tradicionais brasileiros, que por meio da força comunitária e da passagem hereditária e oral das suas vivências e tradições, mantêm vivos o legado e a presença de seus ancestrais. Assim, a partir da compreensão de promoção de saúde enquanto caminho de melhoria da qualidade de vida de uma população e o conhecimento das benzedeiras como agentes promotoras de saúde em uma comunidade, é viável pensar na valorização dos saberes tradicionais somados aos saberes biomédicos como fonte geradora de uma saúde integral que abrace as diversas dimensões humanas. Para tal, o estudo teve como metodologia uma pesquisa de campo, de cunho descritiva e de natureza qualitativa, no qual foi realizado uma revisão bibliográfica que embasou a pesquisa de campo, principal instrumento desse trabalho, visto que seu principal foco está nas vozes levantadas através de escrevivências. Como resultados, a pesquisa mostra como as benzedeiras sintetizam saberes tradicionais, espiritualidade e práticas naturais, oferecendo cuidados holísticos que impactam tanto os indivíduos quanto o coletivo.

**Palavras-chaves:** Benzedeiras; Promoção de saúde; Escrevivência.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: [jennifermarioa271101@gmail.com](mailto:jennifermarioa271101@gmail.com)

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: [moema@leaosampaio.edu.br](mailto:moema@leaosampaio.edu.br)

<sup>3</sup>Doutorando em Saúde Pública - UFC. Email: [migueleusebio1992@gmail.com](mailto:migueleusebio1992@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é perpassada pelos avanços da globalização, que estreitou os espaços das relações humanas e permitiu um avanço migratório entre diversos povos e culturas. Entretanto, esta mesma globalização foi a principal fonte facilitadora da colonização de espaços, corpos e saberes, da exclusão e extinção de tradições originárias não europeias e do apagamento de muitas práticas religiosas (Lander, 2005). Nos dias atuais, poucos são os grupos que, por sua resistência na história, conservam suas práticas e sua organização social. Dentre os tantos grupos tradicionais existentes no Brasil, a presente pesquisa dará destaque a mulheres benzedeiras, que a séculos na história brasileira são provedoras de saúde para sua população.

Diante da proposta da pesquisa, faz-se primeiramente necessário compreender quem são as benzedeiras. Segundo Oliveira (1985), estas são mulheres que congregam em sua experiência, a ciência popular, os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular, são religiosas sem necessariamente frequentarem instituições, são autônomas e independentes para determinar seus tipos de benzimento. Além disso, sua presença recria um universo de vivências marcado por símbolos sagrados e uma relação exitosa com a natureza, que se dá por meio da utilização de plantas e ervas que servem como recurso terapêutico.

A escolha desse tema foi impulsionada por uma experiência vivida em sala de aula, que teve grande importância na construção do meu trabalho. Durante uma aula de Saúde Coletiva I, discutíamos a história da saúde no Brasil, e um ponto que me inquietou profundamente foi a maneira como era apresentada, com foco central em uma parte específica do país, deixando de lado práticas tradicionais presentes nas regiões Norte e Nordeste. Naquele momento, senti uma necessidade urgente de compartilhar minha experiência familiar, uma vez que venho de uma comunidade onde o benzimento sempre foi parte essencial da promoção de saúde.

Naquela aula, ao ouvir sobre o ofício de curandeiros e do uso plantas medicinais no Brasil colonial, me lembrei das histórias de minhas avós e tias, que até hoje desempenham o papel de benzedeiras em nossa comunidade, Jamacaru, localizada no município de Missão Velha, Estado do Ceará. Esse momento de reflexão me deu coragem para levantar a mão e compartilhar essa vivência. Esse relato, então, se tornou o ponto de partida para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que busca compreender a importância do benzimento como

uma prática de saúde integral, muitas vezes negligenciada pelos sistemas de saúde convencionais.

Posteriormente, em uma aula de Saúde Coletiva II, tive uma experiência que também me impulsionou a falar sobre essa temática. Estávamos discutindo sobre saúde em diferentes contextos, com foco na população indígena, uma menção do professor às benzedeiras me motivou a compartilhar minha experiência e conhecimento sobre o tema.

Foi como se uma força surgisse dentro de mim, quebrando as barreiras da minha insegurança e me permitindo falar sobre um saber que, embora não fosse completamente meu, fazia parte da minha realidade e da minha história. Lembrei-me de como o saber sobre o benzimento, sempre presente na vida da minha comunidade, foi essencial diante do acesso restrito a serviços médicos. Lembro-me de como me senti forte por falar sobre algo tão significativo para mim, mas que, até então, pouco havia sido discutido dentro de um contexto acadêmico. Foi ali que concretizei a ideia de desenvolver o meu TCC sobre o tema das benzedeiras e a relação dos benzimentos com a promoção de saúde.

Foi, portanto, essa experiência na sala de aula que me motivou a trazer ao cenário acadêmico um saber ancestral, praticado por muitas mulheres da minha comunidade. Esse relato me fez perceber a relevância de estudar e valorizar as práticas de cuidado da saúde que vêm de saberes tradicionais, muitas vezes ligados à fé e à herança cultural de comunidades afro-brasileiras e indígenas, como a minha.

Venho de uma família de benzedeiras, e o benzimento sempre fez parte da nossa realidade, principalmente nas gerações anteriores. Em Jamacaru, onde o hospital mais próximo ficava a 20 km, o benzimento era a única forma de cuidado, especialmente em casos de urgência, quando o trajeto até o hospital representava um risco. Os benzimentos, os chás e os banhos de ervas não eram a solução de todas as demandas em saúde, mas amenizam grande parte do sofrimento do meu povo, promovendo bem-estar, relaxamento e alívio de algumas tensões e de alguns sintomas como febre e algumas dores.

Essa prática não é apenas uma tradição, ela carrega um valor profundo para a nossa comunidade. O Sistema Único de Saúde (SUS) chegou à região, mesmo que de forma precária, mas ainda assim, as benzedeiras continuam desempenhando um papel importante. Minhas tias e avós ainda praticam o benzimento e são muito solicitadas pela comunidade de Jamacaru. Esse saber passado de geração em geração nos conectou e nos fortaleceu ao longo dos anos, nos dando uma forma única de cuidar uns dos outros, algo que desejo preservar e estudar a fundo.

Assim, no ângulo acadêmico, trazer para universidade um conhecimento afim é dar voz aos saberes tradicionais, é propor um caminho de decolonização do saber, ao questionar os referenciais eurocêntricos, a partir dos quais o conhecimento no campo das ciências sociais e formais é produzido (Penna, 2014), desconstruindo assim um modelo que nega o caráter racional aos saberes que não se vinculam a seus princípios epistemológicos (Quijano, 2020).

No aspecto social, essa pesquisa dá ênfase a um grupo social, histórico e cultural, promovendo um senso de valorização de seu saber como provedor de saúde para sua comunidade. Pesquisar os saberes e fazeres dessas pessoas é reconhecê-las como protagonistas de ações sociais; força essencial e legítima para tentar minimizar as injustiças, as desigualdades e os preconceitos que fazem parte de seu cotidiano (Silva, 2022).

A pesquisa que realizei partiu da seguinte questão: quais são as contribuições das benzedeiras para a promoção da saúde em uma comunidade? Para responder a essa questão, utilizei o método de escrevivência, registrando relatos de uma família de benzedeiras da comunidade de Jamacaru, no distrito de Missão Velha, interior do Ceará. A escrevivência, como descreve Soares (2017), fundamenta-se no ato de narrar histórias reais, seja a partir das próprias vivências ou de relatos escutados e observados em outros. Esse método me permitiu revisitlar memórias e preencher lacunas na história, ao mesmo tempo que inseriu a negritude como protagonista das suas próprias narrativas (Rezende *et al.*, 2022).

Assim, o objetivo geral deste estudo foi refletir sobre o papel das benzedeiras na promoção da saúde em uma comunidade. Especificamente, busquei: (1) produzir escrevivências que registrassem as práticas e percepções das benzedeiras sobre a promoção da saúde, (2) compreender o desenvolvimento histórico do ofício no contexto brasileiro, e (3) descrever a passagem hereditária desse ofício entre as benzedeiras tradicionais da comunidade de Jamacaru.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 METODOLOGIA

Este estudo apresentado contará com a abordagem qualitativa, que nas ciências sociais, trabalha com a dimensão humana produtora de relações, representações e perpassada pela intencionalidade, o que raramente pode ser convertido em dados ou estatísticas (Minayo *et al.*, 2009). A pesquisa descritiva foi a opção que mais se aproximou ao tipo de estudo, ao adotar

como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno (Gil, 1991).

Foi criado um projeto de pesquisa que visava registrar relatos de uma família de benzedeiras da comunidade de Jamacaru. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, respeitando os princípios éticos da Resolução CNS 466/2012, e aprovado sob o número de parecer 7.113.797. A pesquisa garantiu o sigilo das informações e o consentimento livre e esclarecido das participantes, assegurando o respeito aos direitos e à integridade das pessoas envolvidas.

O estudo se valeu do método de “Escrevivência”, cunhada por Conceição Evaristo, como método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada, que em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, utiliza-se da experiência do autor ou relatos que o atravessam para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres (Soares *et al.*, 2017). Este estudo terá como foco a pesquisa de campo por meio da escrevivência, formulada por entrevista semiestruturada. A escrevivência pode ser explicada como:

Contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se comprehende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (Soares *et al.*, 2017 p. 4).

A escrevivência foi uma ferramenta muito importante na construção da minha pesquisa sobre benzedeiras e a promoção de saúde, pois me permitiu valorizar as narrativas e experiências das mulheres que fazem parte dessa tradição, muitas vezes desconsideradas pelos métodos acadêmicos tradicionais. Ao adotar a escrevivência, consigo integrar tanto a escrita quanto a vivência, o que me aproxima das histórias e saberes das benzedeiras de uma forma mais sensível e autêntica (Souza, 2016).

Essa abordagem enriqueceu minha pesquisa ao considerar não apenas os aspectos técnicos da saúde, mas também os valores culturais, espirituais e sociais que envolvem o benzimento. Isso me ajuda a entender a saúde de maneira mais integral, reconhecendo a importância das práticas tradicionais de cuidado. Além disso, como faço parte da comunidade, a escrevivência me permite integrar minha própria vivência e compreensão do contexto, criando um espaço de aprendizado coletivo. Dessa forma, a pesquisa se torna uma co-construção de saberes, onde as histórias das benzedeiras são ouvidas e valorizadas como formas legítimas de cuidado e promoção da saúde.

### **2.1.1 Local da pesquisa**

Pertenço a comunidade de Jamacaru, localizada ao sopé da Chapada do Araripe, no cidade de Missão Velha, a cerca de 20 km da sede municipal, na região sul do Ceará. Somos aproximadamente 10.097 habitantes, distribuídos entre 653 km<sup>2</sup> de áreas urbanas e 1955 km<sup>2</sup> de áreas rurais. Nossa origem remonta ao povoamento do Cariri, na segunda metade do século XVIII, entre 1750 e 1800 (Bento, 2018). Embora não haja registros formais, acredito que, assim como em grande parte do Brasil, nossas terras tenham sido inicialmente habitadas por povos indígenas. Mais tarde, por volta de 1870, a região foi povoada por imigrantes italianos que fugiam da guerra, o que trouxe uma mistura rica de influências e histórias para a nossa comunidade. Essa construção se dá, sobretudo, pela origem do seu nome,

Muitos documentos grafaram Goyanninha, depois Goianinha e finalmente Jamacaru. É possível que a origem do nome Goyanninha venha da palavra em tupi-guarani “Guyanna” que significa terra de muitas águas. Já “Goiana” é palavra originária da língua tupi e significa gente estimada. Todavia, os dois significados cabem muito bem para nomear essa comunidade, permeada por belas fontes hídricas e, por outro lado, habitada por um povo simplesmente admirável (Bento, 2018, p.17)

Nosso Jamacaru foi historicamente conhecido pela plantação de café e cana-de-açúcar, o que incentivou a construção de engenhos de rapadura, sua principal força econômica por um período, até ser impactado pela expansão das indústrias açucareiras. Além disso, foi pioneiro no registro paleontológico do Cariri, devido à abundância de fósseis (Bento, 2018). Atualmente, sua economia baseia-se na agricultura e no comércio local.

A população de Jamacaru é majoritariamente de ancestralidade indígena, europeia e quilombola. Considero importante destacar que apesar da presença visível de descendentes africanos na região, marcada pelos fenótipos, terreiros religiosos e uma comunidade quilombola próxima em vínculo com Jamacaru, as contribuições afrodescendentes são pouco mencionadas nos registros históricos locais. Vale ressaltar, por fim, que essa comunidade possui uma forte tradição religiosa cristã, pelas tradicionais festas das patronas do lugar, N.S. das Dores e Santa Luzia, a primeira, é marcada pela regional festa do pau da bandeira, símbolo de fé e força comunitária.

Levando em conta a localização geográfica, a ancestralidade e as heranças religiosas de Jamacaru, não é difícil vinculá-lo a existência e ao ofício realizado por mulheres benzedeiras, que conservam costumes ancestrais e meios de tratamento de doenças que se

valem da diversidade de ervas naturais da região e das diversas entidades invocadas pela população.

### **2.1.2 Participantes**

Realizei minha pesquisa com três mulheres benzedeiras da minha própria família: minhas tias e minha bisavó, todas moradoras da comunidade de Jamacaru. Visitei suas casas para ouvir sobre suas experiências, os significados que atribuíam ao benzimento e como essa prática havia sido transmitida através das gerações. Essas mulheres, negras e de baixa renda, tinham entre 40 e 80 anos e exerciam o ofício há pelo menos duas décadas. Embora fossem católicas, compartilhavam saberes e crenças de origens indígenas e quilombolas, refletindo o sincretismo religioso que marca a nossa região e evidenciando o legado da colonização e das tradições brasileiras. Por questão de valorização da própria identidade, elas gostariam de ser identificadas durante o processo de construção do trabalho, são elas: Minha bisavó Francisca Josefa da Silva, de 80 anos; Tia Antônia Josefa dos Santos, de 62 anos; e Tia Elizabeth Pereira de Souza, de 43 anos.

Para melhor compreender a minha relação de parentesco com as benzedeiras entrevistadas e as demais pessoas citadas nas escrevivências, construí um simples familiograma, uma representação gráfica que descreve nossas relações familiares ao longo de algumas gerações. É uma ferramenta frequentemente usada na psicologia, para entender como os relacionamentos e fatores hereditários podem influenciar a saúde e o bem-estar do indivíduo (McGoldrick, 2008). Nesse caso, ele me foi útil para identificar as construções intergeracionais com o ofício do benzimento.

# Familiograma - Jennifer

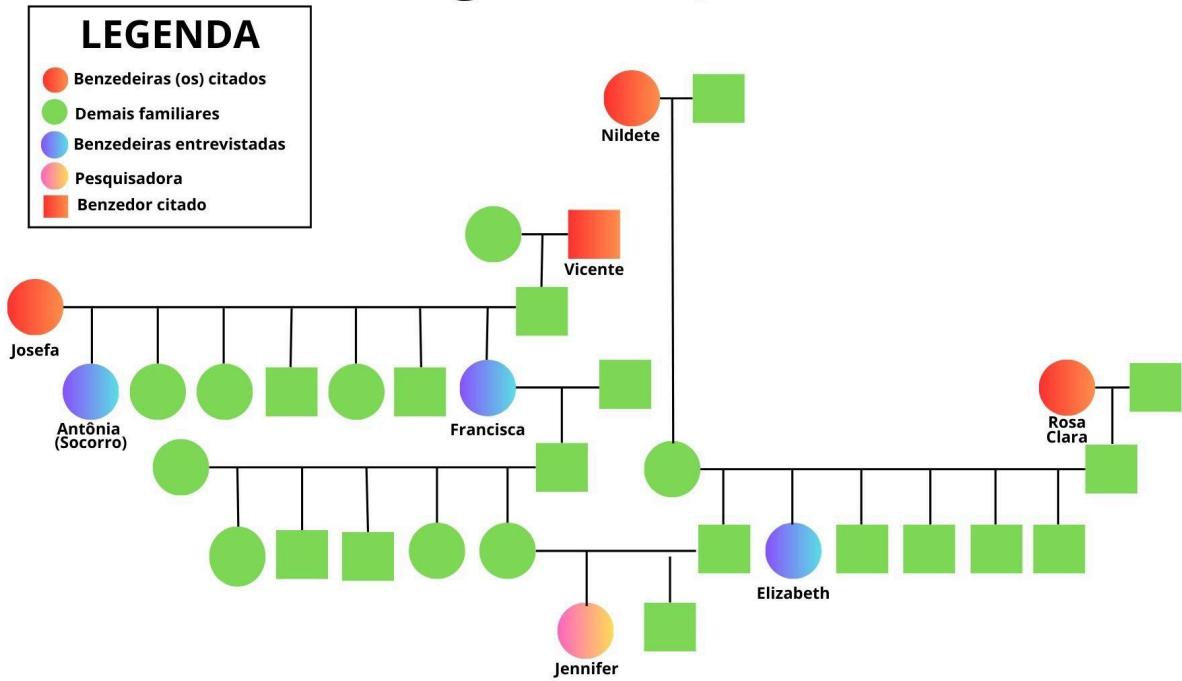


Figura 1: Familiograma da pesquisadora

### 2.1.3 Instrumentos utilizados no encontro com as benzedeiras

Inicialmente, realizei uma revisão narrativa de literatura, uma prática que envolveu a busca, análise e descrição de um conjunto de conhecimentos. A revisão da literatura recorreu a fontes bibliográficas para reunir resultados de investigações realizadas por outros pesquisadores, a fim de embasar teoricamente o estudo (Rother, 2007).

Os artigos de revisão narrativa caracterizam-se por serem publicações abrangentes, ideais para discutir a evolução de um tema sob uma perspectiva teórica ou contextual. Eles consistem na análise de literatura publicada, como livros e artigos de revistas, e envolvem a interpretação e apreciação crítica pessoal do autor (Rother, 2007). Para minha pesquisa, utilizei plataformas digitais como Google Acadêmico e SciELO, realizando buscas sobre temas como benzedeiras, promoção de saúde, saber tradicional, psicologia e escrevivência.

Somada à revisão narrativa da literatura, utilizei um roteiro de entrevista semiestruturada e um diário de bordo para acessar fatos e experiências vividas, com o objetivo de reconhecer e valorizar as práticas culturais comunitárias, especialmente os saberes afro-brasileiros e indígenas (Silva, 2022), evidentes nos benzimentos. As entrevistas,

planejadas para facilitar o diálogo e a construção da escrivivência, foram fundamentais para compreender os repertórios que circulam no contexto histórico e social das benzedeiras, como elas se percebem e se posicionam, e as dinâmicas que estabelecem entre si (Spink *et al.*, 2014).

A entrevista semiestruturada permitiu uma abordagem flexível, já que elaborei um roteiro geral, mas tive a liberdade de incluir novas perguntas, o que enriqueceu o processo e a troca de ideias. O objetivo foi tornar o trabalho mais dinâmico e aprofundado (Spink *et al.*, 2014), iniciando assim um processo de conhecimento sobre as mulheres e suas trajetórias no benzimento. A entrevista abordou temas como o tempo dedicado ao ofício e os significados atribuídos à prática.

## 2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.2.1 Promoção de saúde em psicologia e cuidados comunitários

Quando se fala em saúde, salta ao pensamento o utópico conceito da OMS (1946) que afirma a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença. Entretanto, é sabido que esse conceito unilateral está ligado a uma compreensão contemporânea de saúde, fruto de uma construção histórica, que a caracteriza como uma produção social que se constrói em diversos meios e de diversas formas. A situação de saúde está particularmente ligada a dois fatores principais: ao contexto social e histórico compartilhado por um certo grupo social e às condições financeiras e infraestruturais que habitam esse grupo (Lopes *et al.*, 2023).

Diante do conceito exposto, é cabível a compreensão de determinantes sociais em saúde (DSS) como fator essencial para promoção da mesma, sendo estes uma ramificação de precedentes sociais, econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais que impactam o processo saúde-doença. Os DSS influenciam na ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população que, atualmente, são influenciados pelas mudanças sociais e práticas de saúde observadas no âmbito dos processos de urbanização desse momento histórico, dentro das condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham (Buss, 2007).

As questões de saúde são influenciadas por fatores coletivos, principalmente nas camadas mais populares da sociedade, as quais lutam para assegurar o acesso a um atendimento adequado. Dentro desse contexto, surgem redes de apoio que se configuram

como um emaranhado de conexões entre pessoas, grupos ou organizações que compartilham interesses semelhantes, tornando-se espaços de partilha e união que contribuem para a construção da identidade, senso de pertencimento e experiências comuns. As benzedeiras se encontram dentro das redes primárias que são caracterizadas pela proximidade de laços pelo parentesco, amizade e colegismo, baseados na reciprocidade e na confiança (Lopes *et al.*, 2023). Segundo Menezes *et al.* (2015), essas redes comunitárias primárias são fontes estimuladoras da construção de condutas adaptativas em situações de crise, estresse e doenças, sendo as mesmas essenciais para a promoção de saúde dentro da comunidade.

Assim, a Promoção da Saúde (PS) pode ser entendida como uma ampliação e uma requalificação conceitual e operativa da questão da saúde que aposta em novas políticas e práticas de intervenção sobre o processo saúde-doença e para uma melhoria da qualidade de vida em geral (Mattioni, 2010), que assista às populações em suas diversidades culturais.

A carta de Ottawa (1986), construída na primeira Conferência Internacional de Promoção da Saúde, conceitua a PS como “o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde. O documento também enfatiza que a saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver, ou seja, para promoção dela é preciso compreendê-la como algo que deve perpassar o ambiente e as relações das pessoas cotidianamente e não apenas sob a ótica de ampliar o tempo de vida sem olhar para a qualidade do bem-viver. Na carta são descritas cinco estratégias provedoras de saúde para população: elaboração de políticas públicas saudáveis; criação de ambientes favoráveis à saúde; reorganização dos sistemas e serviços de saúde; fortalecimento da ação comunitária; desenvolvimento de habilidades e atitudes pessoais e sociais.

Dentro das possibilidades acima, destaca-se o fortalecimento da ação comunitária, que visa validar e revigorar as redes sociais e comunitárias como elemento comprehensivo da dinâmica social em suas potencialidades e limites, explorando a riqueza das experiências de ação e de solidariedade presentes na mesma (Mattioni, 2010).

Assim, faz-se necessário somar a esses conceitos as tecnologias de cuidado em saúde que são práticas, ferramentas e métodos utilizados para promover o bem-estar integral, compreendendo não apenas aspectos físicos, mas também emocionais, sociais e espirituais. Merhy (2002) classifica essas tecnologias em três tipos: leves, que envolvem a escuta, acolhimento e vínculo; leve-duras, que se referem a saberes organizados, como diagnósticos e prescrições; e duras, que englobam os equipamentos e instrumentos materiais. No contexto das benzedeiras, é evidente que o uso predominante é das tecnologias leves, voltadas para a construção de vínculos afetivos e espirituais no cuidado.

Além disso, a espiritualidade presente no benzimento ressoa com as discussões sobre tecnologias de cuidado que valorizam a integralidade, como preconizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) reconhece o valor das práticas tradicionais no cuidado em saúde, incluindo as terapias que envolvem ervas medicinais e práticas espirituais (Brasil, 2018). Essa integração reforça a importância de tecnologias que transcendem os aspectos biomédicos e valorizam os contextos culturais e sociais.

Diante do que foi exposto sobre promoção e cuidado em saúde, é possível pensar as benzedeiras como integrantes das subculturas de cuidados em saúde, atuando como uma ponte entre os sistemas de saúde profissionais e formais. Sua atuação se destaca pela participação da família no tratamento, pelo contato emocional mais próximo, pela comunicação acessível e pelas explicações sobre doenças que são amplamente difundidas em suas comunidades (Helman, 2009). Assim, surge a dedução de que a mulher benzedeira assumiu e continua assumindo um protagonismo no cuidado e na proteção das comunidades que fazem parte, sendo uma força potencial para construir redes que lutam contra as demandas sociais e de saúde.

### **2.2.2 Construção da identidade das mulheres benzedeiras no Brasil**

Compreender sobre esse coletivo de mulheres que atravessa do norte ao sul da nação brasileira, é entrar na essência dessa cultura, é compreender um papel social de cuidado e promoção de saúde desenvolvido pela sociedade civil através das experiências da população frente aos recursos que possuíam e frente à negligência dos poderes públicos às necessidades de saneamento e condições básicas para o bem-estar do povo, enquanto sujeito de direitos.

A falta de recursos médicos convencionais levou à transmissão verbal de saberes sobre a aplicação medicinal de plantas, raízes, ervas, essências e rezas, junto a um universo lendário repleto de mitos, convicções e espiritualidade (Campos, 1967). Assim, se faz necessário compreender quem são essas figuras culturais, partindo da compreensão do que significa benzer e qual a sua importância para sociedade brasileira.

O benzimento, como outras práticas religiosas e médicas populares, começou a se desenvolver no Brasil ainda no período colonial, no século XVII (Marin *et al.*, 2017). Esse ato de benzer pode estar atrelado à invocação de um sagrado ou á construção de vínculos solidários entre o divino que se acredita e quem executa a invocação. Oliveira (1985) conceitua esse ato como instrumento em que os homens produzem serviços e símbolos de

solidariedade para si e para seu coletivo, experiência capaz de fortalecer as relações entre pessoas e grupos sociais que se constituem, tornando legítimo e aceito socialmente o exercício regular dela. Cada pessoa que benze revitaliza determinado símbolo sagrado, que passa uma certa visão do que foi aprendido dentro do contexto popular e o que dele pode ser reconstruído.

A benzedura é uma prática que se baseia em conhecimentos práticos e experiências. Contudo, assim como qualquer método de cura, a benzeção impõe limitações, pois não é possível sanar todos os problemas apenas com benzimentos. Essa prática envolve a crença na força mágica das palavras, pois a benzedeira tem a capacidade de transformar uma realidade em desordem através da recitação de orações, sempre acompanhadas por gestos e objetos específicos (Moura, 2011), por exemplo, muitas benzedeiras como marca de suas práticas, usam de orações entonadas em sussurros que lembram embalos maternos e o ninar de bebês, capazes de promover um estado de relaxamento e uma maior proximidade entre os pares envolvidos no processo do benzimento.

Assim, é coerente afirmar que o benzimento pode ser caracterizado como uma ação terapêutica (Campos, 1967) que se realiza através de uma relação dual entre um cliente e a benzedeira, que media um saber sagrado objetivando a cura ou o tratamento de alguma enfermidade (Marin *et al.*, 2017). O modo como cada pessoa benze ou recebe a bênção se liga ao modo que ela entende seu papel social em um determinado espaço, o que pode facilitar a compreensão de outras dimensões da vida social das pessoas e de seu mundo. Desse modo, o ato de benzer se restitui no memorizar de informações, no trabalhar os símbolos e recriar a partir deles suas práticas sociais (Oliveira, 1985).

As benzedeiras são mulheres que combinam ao seu feminino as vivências da sabedoria popular, da sua espiritualidade religiosa e os saberes da medicina tradicional. Elas são mulheres de fé que não dependem de instituições para exercer sua religiosidade, capazes de escolher livremente suas práticas de cura e podem atravessar várias modalidades religiosas, como catolicismo, Kardecismo, Pentecostalismo, Umbanda, Candomblé, Esoterismo e outras. Essas diferentes religiões, lhe oferecem novos modelos de ação, que serão recriados nos seus trabalhos (Oliveira, 1985).

Além disso, sua presença traz à tona um mundo repleto de significados simbólicos e uma conexão harmoniosa com a natureza, através do uso de plantas e ervas como fonte de cura (Oliveira, 1985). Laplantine (2010) nos oferece uma perspectiva que amplia o entendimento sobre saúde e adoecimento, ultrapassando os limites da causalidade biomédica e desprovida de contextos culturais. Nesse sentido, as práticas das benzedeiras revelam um

sistema popular de cuidado em que a doença não é apenas um evento biológico, mas um fenômeno social carregado de significados.

Desse modo, permite-se compreender o adoecimento como algo que dialoga com os aspectos culturais, espirituais e comunitários, reforçando a importância de práticas como o benzimento, que integram diferentes dimensões da experiência humana no processo de cuidado. As benzedeiras constituem uma raiz perpassada por saberes referentes às práticas de saúde que mesclam conhecimentos que remetem ao empírico e ao científico, com grande destaque para a crença no método, no poder do ritual, o que se mistura com processos afetivos desse cuidar (Medeiros *et al.*, 2013).

## 2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir desse momento, apresento as escrevivências que envolveram a pesquisa que deu base para construção deste artigo. Foram escritas 5 escrevivências, a saber: (1) Encontro com as benzedeiras; (2) “Um dom não se encontra no lixo”; (3) Como se faz uma benzedeira?; (4) Tecnologias do cuidado e da promoção de saúde por meio dos benzimentos; (5) O papel das benzedeiras na promoção de saúde. Produzi-las foi potencializador de encontros e reencontros com a comunidade, com o meu povo e comigo mesma, de modo que escrevê-las envolve empoderamento, potência de vida e emancipação.

### 2.3.1 Encontro com as benzedeiras

No primeiro encontro com as benzedeiras da minha família, conversei com Tia Elizabeth, eu me aproximei não apenas como pesquisadora, mas como alguém que compartilha da mesma história, que carrega memórias em comum e as mesmas raízes. Ao adentrar a casa da irmã do meu pai, senti a conexão entre o passado e o presente, a casa onde ela vive foi a antiga casa da avó dela, minha bisavó, Rosa Clara da Conceição, que também foi benzedeira. A casa já havia sido bastante modificada desde o tempo em que minha bisavó faleceu. Mas, mesmo assim, foi possível sentir sua presença naquele momento. As lembranças de infância vieram à tona, trazendo à memória o jeito como ela nos acolhia, como se estivesse ali conosco, ainda cuidando da gente.

Nas duas últimas visitas, me deparei com algo inesperado, um detalhe que parecia pequeno, mas que trouxe uma força profunda para o nosso encontro. As benzedeiras que me recebiam eram irmãs, a primeira mais velha, e a segunda a mais nova de uma família de 7

irmãos. Entre conversas e memórias, começaram a falar da mãe delas, minha tataravó Josefa, mais conhecida na região como “mãe Zefinha”. Contaram com orgulho sobre como ela também havia sido uma benzedeira respeitada e, além disso, uma parteira renomada em Jamacaru, por isso o título de “mãe” recebido em honra ao seu trabalho de “pegar menino” como diz minha bisavó. Ela sustentava sua fala dizendo: “aqui ela tem muitos filhos nessa redondeza... Pois é, ela pegava muito menino, era uma parteira da boa. Graças a Deus, na mão de minha mãe, nunca morreu nem mulher nem menino de parto!”. Durante muitos anos, ela prestou esse serviço essencial à comunidade, sendo uma figura muito respeitada e procurada.

Entrevistei a minha bisavó Francisca e a minha tia Socorro, em tempo e espaços diferentes, cada uma em sua casa.

No meio da conversa com minha Bisavó, algo espontâneo e muito simbólico aconteceu. Ao mencionar sua mãe, levantou-se e foi buscar uma foto dela, cuidadosamente emoldurada em um quadro. Ela colocou-a sobre a mesa, como que trazendo a presença dela para a nossa conversa. Esse gesto simples e profundo deu um novo significado ao nosso encontro, como se a memória daquela mulher forte e dedicada estivesse ali entre nós, fortalecendo ainda mais o valor da história que estávamos construindo juntas.

De forma genuína, tia Socorro repetiu o mesmo gesto em sua casa, pegando também uma foto emoldurada da mãe. Com delicadeza, colocou aquela foto na mesa. Foi um momento de presença, em que essa figura tão importante para mim e para comunidade parecia estar ali, ouvindo e abençoando nosso diálogo. A presença de Mãe Zefinha, se conectava ali com as forças de sua filha, que continuou seu ofício, e comigo, sua tataraneta, que acredita profundamente na importância desse legado para Jamacaru. Aquela foto representava a continuidade dela em cada uma de nós. Percebi que eu era parte desse elo, dessa corrente de mulheres que dedicaram parte de suas vidas ao cuidado do outro. Senti que a força que me impulsiona a estar e a ser no mundo vem delas, de cada mulher que passou, com essa necessidade de levar essa força para tantas e tantas gerações. Senti ali, nesse gesto, o poder da memória viva.

A prática do benzimento e a conexão com a ancestralidade carregam significados nas vivências individuais e coletivas. O benzimento, como ato terapêutico e espiritual, resgata práticas populares enraizadas na cultura brasileira. Essas práticas representam formas alternativas de cuidado que integram aspectos físicos, espirituais e emocionais. Como destaca Alves e Minayo (2020), a espiritualidade desempenha um papel crucial na promoção da saúde, pois reforça a fé, a resiliência e a sensação de pertencimento.

É como Nogueira (2019) fala sobre a força Sankofa, esse retornar ao passado para buscar sabedoria e nos fortalecermos no presente. Cada reza, cada ramo usado, cada palavra dita é um retorno e, ao mesmo tempo, um novo começo. É assim que o benzimento mantém viva a memória dos que vieram antes e transforma isso em cuidado para os que estão aqui. Essa força legitima a prática do benzimento e a insere em um contexto de resistência cultural e reafirmação da nossa identidade.

A ancestralidade nesse contexto não é só memória, é prática viva, o benzimento é um ato de entrega e amor. E esse amor não é só pelo outro, mas por todo um modo de viver, onde o corpo e o espírito se curam juntos. Como afirma Brandão (2007), as práticas populares de saúde não apenas curam o corpo, mas reforçam os laços comunitários e promovem o bem-estar coletivo. No ato de benzer, a ancestralidade é revivida não apenas como memória, mas como um ato vivo, que renova e reconfigura as relações sociais e espirituais.

Digo com toda certeza que o benzimento é um fio que nos conecta às raízes de quem somos. É como minha bisavó dizia: "Jesus faz a cura, mas o dom vem de antes, vem da nossa gente." É nesse "antes" que a força da ancestralidade pulsa, onde a fé e o conhecimento popular se entrelaçam com as histórias vividas, contadas e sentidas. O benzimento é uma prática de saúde e uma reafirmação de quem fomos e de quem queremos continuar sendo.

Aprendi com minhas benzedeiras que a espiritualidade também é parte do cuidado, é uma forma de lutar pelo direito de ser quem somos. É insistir em viver e promover saúde de um jeito que faça sentido para o nosso povo, sem apagar o que nos foi ensinado pelos nossos. Hoje, ao olhar para o que vivi com minha família, percebo que o benzimento é antes de tudo um cuidado ancestral que atravessa gerações e que, como um ramo de arruda, insiste em florescer, mesmo nos terrenos mais difíceis.

### **2.3.2 “Um dom não se encontra no lixo”**

Quando me sentava ali, eu estava em uma troca de saberes, onde cada palavra, gesto e olhar carregavam um significado profundo. Minha tia Elisabeth me contou que o primeiro impulso de começar a atuar como benzedeira, veio quando sua avó disse pra ela que “um dom não se encontra no lixo”. Essa frase ecoava nas histórias da minha família, ditas pelas mulheres que carregavam o saber dos benzimentos, o mesmo saber que não se compra e nem se encontra jogado por aí.

Nas falas de minha amada tia aprendi que o dom é como uma joia rara passada de geração em geração, com todo cuidado, porque carrega em si a força e a fé de quem veio

antes. Senti que ela quis dizer isso para que eu entendesse que o ofício de benzedeira não era algo trivial. Não era apenas uma tradição, mas parte da nossa identidade, uma conexão viva com as nossas raízes, com tudo aquilo que nos fazia ser quem somos. São práticas ancestrais transmitidas oralmente, reunindo conhecimentos formais e informais que preservam valores culturais e espirituais ao longo do tempo (Rubert, 2014).

Tia Elisabeth descobriu e acolheu o seu dom no terreiro de “Mãe Quinha”. Ela me contou sobre o momento em que acolheu seu dom: “Ela me pediu para tirar minhas roupas comuns e me entregou um manto branco. “Não tenha medo,” disse, com uma voz firme e acolhedora. “... O que vamos fazer é para o bem, para você e para quem Deus permitir que chegue até você.”

Comecei, espontaneamente, a imaginar a experiência vivida naquele momento. “Minha filha,” Mãe Quinha começou falar, com os olhos fixos em minha tia, “esse dom que você carrega já estava com você desde o ventre da sua mãe. Não é algo que se encontra, que alguém dá, ou que se aprende por aí.” Minha Tia disse ter sentido uma leveza profunda, uma alegria genuína que a fez sorrir, e ouviu de Mãe Quinha: “É isso aí. Essa sim é a pessoa que merece o dom que Deus deu.”

Enquanto minha tia recordava, suas palavras transbordavam um sentido de destino e direção. Ela se emocionou ao falar desse momento e lembrar dessa pessoa tão especial em sua jornada. Com voz serena, Mãe Quinha concluiu: “Minha filha, você está livre. Sinta-se livre para voar como uma águia.” Essas palavras ficarão para sempre em sua memória.

Nas minhas pesquisas encontrei que a prática de benzedeira na tradição da umbanda reforça uma conexão com o sagrado que transcende gerações (Silva, 1985). A umbanda, como caminho escolhido por ela, era também uma forma de fortalecer essa conexão com nossas raízes, respeitando e honrando uma espiritualidade que atravessa parte da nossa família.

Essa história foi parecida com a da minha bisavó materna, Francisca, que encontrei logo em seguida e ela me contou que desde que nascida já tinha o dom. Ela contou como o dom veio para ela, também carregado de significado e de raízes profundas. “Minha família era gente de índio, caboclo, sabe?” dizia com orgulho. E, com a simplicidade de quem sabe o valor da sua fé, ela explicava que nasceu médium, com uma sensibilidade especial, mas que seu caminho não foi nos terreiros, nem nas tradições de umbanda. Ela escolheu outro caminho, um ofício de fé e cura, o ofício de rezar nas crianças.

“Eu era moça ainda”, contava, “e por isso peguei essa penitência com devoção.” Para ela, o dom era algo sagrado, “dado por Deus.” Falava que, ao benzer, era como uma bênção

que vinha de uma força maior. "Primeiramente Deus," dizia, "e segundo, minha reza." Bastava uma vez. Fosse dor de barriga, "fosse de uiado" ou "fosse de vento caído". Naquele momento, o poder do dom e da fé simples e forte dela se tornava nítido para mim. Era uma crença que atravessava gerações e marcava quem éramos.

O dom que minha bisavó Francisca carregava era mais que uma habilidade; era um elo com as raízes que fincaram nossa história. Vinha de uma linhagem de mulheres e homens que respeitavam a terra e os saberes antigos. O sangue indígena, a força cabocla, tudo isso formava o alicerce do seu dom.

Nas falas da minha bisavó senti que um dom exigia respeito e compromisso, pois trazia consigo o peso e a bênção de muitas gerações. Quando ela falava sobre isso, eu entendia que ela estava me ensinando sobre quem eu era, sobre de onde eu vinha. Ela carregava essa força como uma extensão de sua própria história e, ao benzer, ela também estava perpetuando as bênçãos de nossos ancestrais. Me emocionei ao pensar que o dom não era só dela, era uma força ancestral que de alguma forma eu também guardava em mim.

Minha tia Socorro não falou diretamente do dom que carrega, mas sim de como ele foi passado e de como está ligado à sua fé, à força da natureza e às ervas que ela usa. Ela me contou que quem a ensinou a rezar foi minha tataravó, sua mãe. O sogro da minha tataravó a ensinou, e ela, por sua vez, ensinou minha tia. Tia começou a rezar aos 21 anos, ainda insegura. "Eu tinha vergonha", disse, lembrando de como dizia para minha tataravó que não daria certo, que tinha medo. Mas a mãe insistia, com paciência e confiança: "Não faz vergonha não, minha filha. Um dia, quando eu não estiver mais aqui, e sua irmã Francisca não puder mais, você, que é mais nova, vai rezando." Assim, nessa arrumação, como ela chamou, o tempo foi passando. Hoje, aos 61 anos, ela carrega esse dom com a força da natureza e o ensinamento das ervas, que vieram junto com sua herança e missão.

Minhas benzedeiras sempre me disseram que a reza pode ser ensinada, mas o dom, esse não se aprende; ele é algo que nasce com a pessoa. A reza, com o tempo e a prática, pode ser passada como uma herança preciosa que se aprende ouvindo, observando, repetindo. Mas o dom, aquele que permite sentir, saber o que precisa ser dito, o momento exato de intervir e a maneira de tocar, esse vem do sangue, do espírito. Elas dizem que o dom não se escolhe nem se conquista — é como um sopro de vida, que se manifesta de forma natural. Foi muito sagrado para mim entender que esse dom é um chamado antigo, que atravessa o tempo, que se revela naqueles que, mesmo sem saber como ou por quê, são capazes de trazer cura e acolhimento com o poder de suas palavras e do toque suave de suas mãos.

### **2.3.3 Como se faz uma benzedeira?**

Uma das minhas maiores curiosidades estava em saber como se faz uma benzedeira. É, acho que encontrei a resposta, e não foi em livros cunhados por grandes intelectuais da contemporaneidade! Encontrei em obras vivas, que experienciam, que sentiram e sentem através das correntes do tempo. O saber das benzedeiras unia as gerações, nas conversas ao entardecer, na roda das mais velhas, em diversos espaços, da sala ao quintal da casa.

Eu me lembra de quando criança escutando as histórias das mulheres da minha família – histórias de cura, de fé e de luta, que passavam de geração em geração. Ali, eu entendia que não era só uma técnica, era uma forma de ver o mundo, de cuidar, de fazer parte da história da nossa comunidade (Junior, et. al, 2020). Senti nas palavras da minha bisavó que ser benzedeira era uma escolha do coração e da fé, era um dom natural e que a comunidade sempre recorria a ela nos momentos de aflição. Segundo Oliveira (1985), a imagem que as benzedeiras trazem de si é geralmente de serem pessoas solícitas, dispostas a ajudar o outro. Quando eu a escutava, sentia que esse dom era algo que vinha do fundo do peito, como uma chama herdada.

Ser benzedeira, eu sentia, era ser ponte entre a terra e o sagrado. Era ter fé no poder das palavras e nos gestos simples, sendo que a comunidade validava suas recomendações como vindas da divindade que oferecia a bênção (Medeiros, Nascimento, Diniz, & Alchieri, 2013). A suavidade da fala, o toque das mãos e o olhar bondoso – tudo era parte do benzimento. Naquele mundo, as benzedeiras não eram apenas curandeiras, mas guardiãs da memória, do saber e da espiritualidade que sustentavam Jamacaru.

Enquanto crescia, entendi que o ofício não era imposto, mas escolhido – uma escolha de alma, que acontecia quando alguém via em você a mesma força das ancestrais. Era uma herança que vinha com a responsabilidade de cuidar do outro, de proteger e aliviar. Minha tia Elisabeth, com a sabedoria que herdara de suas práticas religiosas, me disse que embora eu não tivesse nascido com o dom, essa minha pesquisa tinha um grande propósito e que eu iria compreendê-lo anos mais tarde.

### **2.3.4 Tecnologias do cuidado e da promoção de saúde por meio dos benzimentos**

O benzimento se alinha com as tecnologias de cuidado que valorizam o acolhimento, a escuta e o uso de saberes ancestrais. Ele não apenas promove alívio físico e emocional, mas também fortalece os laços comunitários e reafirma identidades culturais, representando um cuidado holístico capaz de dialogar com práticas contemporâneas de saúde.

Minha bisavó Francisca reforçou várias vezes a importância da presença completa e da concentração como principal técnica do benzimento. Ela dizia: “Você tinha que se concentrar com Deus, o santo que você ia pedir e rezar, ‘não dá a cara para ninguém’ ”. Para ela, qualquer distração, como alguém tentando falar enquanto ela rezava, poderia interferir no processo. E se o benzimento era para uma criança, o erro poderia levá-la para o céu, como ela dizia. Esse relato evocou em mim uma dimensão da seriedade e da devoção envolvidas não só no ato de benzer, mas no fazer profissional de quem presta serviços de saúde. A concentração é fundamental, pois, segundo minha bisavó, era uma forma de canalizar a fé e a energia necessárias para que o benzimento cumprisse seu propósito de cura e proteção.

Ao refletir sobre o benzimento como uma prática que exige amor e entrega total, é inevitável relacionar esse gesto com o conceito de amor elaborado por Bell Hooks em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2000). Para Hooks, o amor é uma ação intencional, uma escolha ética e um compromisso com o bem-estar do outro e de si mesmo. Não se trata apenas de sentimento, mas de prática, de cuidado ativo e de atenção plena ao momento e à relação. No benzimento, essa essência está presente. Essa concentração não é apenas técnica, mas um ato de amor. Ao rezar, ela direcionava toda sua energia para o bem-estar de quem buscava ajuda, reconhecendo a importância do sagrado e do humano em uma conexão íntegra.

Minha tia Elizabeth também falou sobre isso, ela falou que: “Se eu estiver rezando em você, eu não posso tirar minha atenção e dá-la a outra pessoa que chegar... Se você está presente, se Deus está ali, tem que estar afirmado o que Deus está dizendo... ali é Deus, você e eu. Não posso tirar o tempo que Deus me deu para você e entregar a outra pessoa...” Ouvi-la me fez reconhecer que essa presença é essencial para que o benzimento realmente aconteça com força e intenção. Essa prática é muito pró sentido ético e transformador que Hooks (2000) atribui ao amor. Dessa forma, as benzedeiras vivem o amor como uma prática diária, uma entrega que sustenta vidas e histórias.

Hooks (2000) afirma que o amor genuíno requer cuidado, responsabilidade e compromisso, elementos que se manifestam na postura das benzedeiras. Minha tia Socorro também me contou sobre o valor da presença e da atenção no momento do benzimento: “Na hora que tá rezando, tem que estar muito concentrado. Tudo que você vai fazer na sua vida tem que ser com amor e carinho, e esse amor vem de Deus...” Ela também me explicou o que

faz quando alguém chega enquanto ela está rezando: “Às vezes, a pessoa entra e espera, porque, se eu parar, eu até sei onde fiquei, mas fica chato para a pessoa que está recebendo a palavra.” Com essas palavras, senti que uma das forças do benzimento está em uma conexão íntegra. Para ela, cada palavra dita e cada oração feita devem vir dessa entrega total, garantindo que quem recebe o benzimento sinta a presença e o cuidado que ela dedica ao momento, é um ato de generosidade que ultrapassa o individual e alcança o coletivo.

Me tocou profundamente o modo como minha bisavó entonava uma de suas orações. Havia ali uma força tão grande na intenção de mandar o mal para um lugar intocado, afastado de toda vida. A reza dizia assim: "Pedro e Paulo foi a Roma, com Jesus Cristo encontrou. Jesus Cristo perguntou, Pedro, que mal será? Ave Maria, Senhor, é dor de barriga. Jesus respondeu, é não, Pedro, é água de correntia. A retira para as ondas do mar sagrado, onde as ovelhas não berram, onde os bois não pastam, onde galo não canta...". Ela sempre repetia cada palavra com uma devoção que parecia encher o ar ao nosso redor, e eu podia sentir a intenção de afastar qualquer maldade para longe.

As benzedeiras da minha família me ensinaram que o saber delas vai além do simples ato de benzer. É como se as ervas que usamos tivessem uma conversa silenciosa com a gente, uma conversa que aprendi a escutar com o tempo. Aprendi que cada folha, cada galho, tem o seu próprio jeito de curar, de trazer alívio ou conforto, e que isso é passado como um segredo que é conhecido nas mãos e nos gestos de quem cuida. Esse ato se manifesta como uma tecnologia leve-dura, ao incorporar saberes tradicionais sobre plantas medicinais e ervas, que possuem propriedades terapêuticas reconhecidas (Carvalho et al., 2021). O uso de ramos de arruda, pião roxo ou mastruz, por exemplo, não é apenas simbólico; essas plantas são carregadas de significados espirituais e propriedades medicinais.

Minha bisavó e minhas tias me disseram que quando benzem, escolhem plantas que não têm espinhos, como o pião roxo, a arruda, a folha do andú e a vassourinha. Imaginei naquele momento que as plantas macias e lisas são amigas da proteção, que chegam para limpar, para afastar, para varrer o mal e a peste. Minha tia Socorro exemplificava bem esse cuidado ao dizer que, na hora do benzimento, “as palavras de Deus estão com os raminhos”. É nesse gesto que se revela o potencial terapêutico do benzimento, que une a ciência popular com a espiritualidade.

Quando eu era criança, lembro da minha avó materna preparando uns banhos com ervas que, aos meus olhos de menina, pareciam meio esquisitos. Mas, ao mesmo tempo, eu adorava o cheiro diferente que elas deixavam pela casa e na pele. Ela sempre me pedia para deixar a água secar naturalmente no corpo. Na época, eu não entendia o porquê, mas

obedecia, fascinada e curiosa. Hoje, com essa pesquisa acabei descobrindo que aqueles banhos, eram na verdade um saber antigo, herdado pelas benzedeiras da família. Aquela água, aquelas ervas, não eram só um cheiro bom ou uma tradição estranha, mas faziam parte de uma herança ancestral, algo que minha avó e outras mulheres da família preservavam como parte do cuidado e da cura. Minhas benzedeiras cozinharam o pião roxo, o tipí, o eucalipto e misturaram a arruda machucada, ao alho, ao sal grosso com alfazema e pétalas de rosas. A água desses banhos é fria e traz um alívio que parece um abraço, um renovar.

Minha tia Socorro também sabia que certos chás curavam a dor de barriga e a febre, como a arruda e o hortelã. Quando elas escolhem a folha para o benzimento, quando preparam o banho ou o chá, não estão apenas tratando um sintoma, mas cuidando daquilo que mantém as pessoas fortes, o cuidado transcende o simbólico e adentra o campo do terapêutico. Assim, ao mesmo tempo que o benzimento é uma tecnologia leve, ele também incorpora aspectos das tecnologias leve-duras, ao utilizar saberes organizados e práticas baseadas no conhecimento sobre ervas e seus benefícios (Merhy, 2002).

Também aprendi com elas que há uma postura necessária, um jeito de se colocar, é preciso estar ali como se o mundo todo pudesse parar para aquele instante. Cada uma delas tem sua própria forma de preparo. Tia Socorro e Vó Francisca rezam conforme a pessoa chega até elas, acreditando que o estado do outro é o que guia o momento. Já Tia Elizabeth prefere algo mais ritualístico: gosta de rezar descalça, com o cabelo solto, postura ereta.

A presença da benzedeira é sagrada, e cada detalhe parece influenciar. Durante as rezas da minha tia Elisabeth, ela variava o tom de voz. Há momentos em que a oração sai em murmúrios baixos, quase como um segredo entre a benzedeira e o divino; em outros, a voz se eleva, toma um tom mais firme, carregado de força e determinação. Minha bisavó e minha tia Socorro já rezam em um tom de voz mais alto, “minha reza todo mundo escuta...” disse uma delas. As palavras importam, mas são apenas uma parte. O que realmente parece curar é essa presença, esse compromisso com o bem do outro, esse encontro entre o visível e o invisível que cada benzedeira traz com seu próprio jeito.

Durante a construção das escrevivências, enxerguei o quanto os benzimentos nos leva para o campo das tecnologias leves. Merhy (2002) nos ensina que essas tecnologias estão presentes nas relações humanas, no toque, na escuta, no acolhimento e no vínculo construído entre quem cuida e quem é cuidado. Assim, o benzimento, enquanto prática ancestral, se vincula a essa tecnologia, pois cria um espaço de acolhimento, fé e esperança.

O que mais me encantou foi ouvir minha bisavó contar sobre a "Oração de Fechamento do Corpo", uma reza especial que ela usava para se proteger. Ela sempre me

ensinou que, antes de cuidar dos outros, é preciso cuidar de si mesma. Era como se ela dissesse que para benzer e transmitir alívio e proteção, primeiro é necessário estar protegida e fortalecida. Além da oração, ela falava sobre os banhos de ervas e os chás que preparava para si mesma. Esses rituais eram como um escudo invisível, uma forma de se fortalecer para atender a quem precisava. "Quem cuida precisa estar bem, ou o trabalho não vai ter força", ela dizia, com uma convicção que eu nunca esquecerei.

Minha bisavó sempre foi firme ao dizer que "reza paga, não cura". Para ela, o dom de benzer era uma dádiva que não se podia vender, e cobrar por esse trabalho seria como enfraquecer a própria reza. Li em suas palavras que a força do benzimento vinha da generosidade do gesto, da entrega e da fé, e que o poder da cura estava ligado ao amor e à intenção sincera de ajudar.

"A gente já vem ao mundo com o que Deus dá," dizia ela, "seja o dom ou o pregar para as provações." Minha tia Elizabeth também dizia que, assim como o dom vem como um presente de Deus, algumas pessoas já chegam ao mundo com desafios, com problemas ou doenças que parecem ser uma preparação para algo maior. Para ela, esses desafios vinham como parte de um caminho espiritual, algo que o benzimento ajudava a equilibrar, mas que dependia da aceitação e da fé de quem recebia.

### 2.3.2.1. Cura e alívio de dores físicas

As histórias que ouvi das minhas benzedeiras sobre as curas que realizam me trazem, de novo, esse elo entre o cuidado e a fé. Minha bisavó Francisca contou que, quando uma criança chegava até ela "com muito olhado," sofrendo de dor de barriga e vômito, ela começava a rezar, e o mal parecia se desfazer. Ela dizia: "Quando eu acabava de rezar, ele parava de vomitar; então, quer dizer que ele já estava curado." Para ela, a reza tinha o poder de afastar o que perturbava, de devolver a paz.

Já minha tia Elizabeth compartilhou uma lembrança semelhante. Laila, uma criança que ela encontrou no posto de saúde, estava vomitando sem parar. Tia Elizabeth sentiu que aquilo "não era caso de médico." Quando levou a criança até sua casa e começou a rezar, a menina adormeceu, como se uma calma profunda tomasse conta. "Horas e horas e horas dormindo. Quando a menina acordou, já acordou bem calma," ela contou. "Foi a primeira bênção que Deus me autorizou que eu fizesse." Essa experiência abriu seu caminho como benzedeira.

Ao olhar para o benzimento sob essa perspectiva, percebo como ele exemplifica o que Merhy (2002) nos propõe em sua análise sobre o trabalho em saúde. Trata-se de uma prática que valoriza o ser humano em sua totalidade, atuando nas dimensões física, emocional, espiritual e cultural. Esse relato não apenas demonstra a eficácia do cuidado, mas reforça a força das tecnologias leves e leve-duras em promover saúde e bem-estar.

Minha tia Socorro explicou sobre a “espinhela caída,” uma dor que toma o corpo inteiro, enfraquece as pernas e até a cabeça. Para ela, não é apenas uma dor: é um peso que o corpo absorve e que se prende no abdômen, no peito, nas “arcas,” como ela chama. “A espinhela, no caso, que eu falo, é essa parte aqui, abdominal, pra cima.” Ela sabe aliviar esses males com seu conhecimento das ervas, das rezas e da fé.

Essas histórias me fazem ver como o saber das benzedeiras vai da reza às ervas, nos “remédios do mato”, no cuidado com o corpo. Elas transformam a fé em cura, em cuidado vivo, e trazem a força de Deus e da natureza para aliviar as dores do corpo e da alma.

Ainda que as tecnologias duras — aquelas que envolvem equipamentos e instrumentos — estejam ausentes no benzimento em sua essência, a ausência delas reforça uma mensagem poderosa: a de que o cuidado pode ser realizado a partir de elementos simples e acessíveis, que não diminui a eficácia, mas sublinha o caráter integral e humanizado dessa prática, algo que o modelo biomédico frequentemente não consegue abarcar.

### 2.3.2.2 Cuidado espiritual e emocional

As benzedeiras carregam consigo uma visão do corpo e da saúde que vai além do físico: para elas, muitos males surgem do desequilíbrio espiritual, de forças negativas, do “olhado” ou da “maldade”. Nesse entendimento, a saúde não se limita ao alívio das dores do corpo, mas também à restauração de uma paz interior, uma cura que vai fundo e “limpa” o espírito. Tia Socorro me explicou com cuidado a importância dos “três raminhos,” que são a base para muitos de seus benzimentos. Ela me contou que esses raminhos, que podem ser pinhão roxo, andu, ou vassourinha que carregam o simbolismo da Santíssima Trindade. “Porque a palavra já vem dizendo, com dois tributários, com três eu tiro. Com os poderes de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo,” ela rezava. Esses três ramos representam as “três palavras” que iniciam a reza e o poder que ela acredita ser capaz de livrar a pessoa do mal. Ao explicar como a reza atua, tia Socorro fala de uma conexão direta com o sagrado. “Começa com dois te botaram” para se referir ao olhar, a admiração, ela diz. Mas é a força dos “três que tiram” que, para ela, faz com que a cura realmente aconteça.

### 2.3.2.3. Prevenção e proteção, fortalecimento da fé e resiliência

Nas falas que escutei pude aprender que o cuidado vai além da cura imediata: ele é uma forma de prevenção e proteção. Cada reza, cada gesto de benzimento é um “escudo”, uma proteção que fortalece a pessoa não só no corpo, mas na alma e no espírito. Elas acreditam que proteger espiritualmente é um modo de prevenir males, e isso é feito tanto nos benzeimentos quanto nos conselhos que acompanham suas práticas.

Foi tão envolvente perceber que a fé, para elas, é essencial! Minha tia já disse certa vez: “Tem que ter fé em Deus, que é Deus quem está curando.” É essa confiança que dá força ao processo, uma confiança que, ao ser transmitida a quem busca ajuda, traz um alívio profundo. Esse alívio não é só físico; ele toca a mente e o coração, ajudando as pessoas a enfrentarem as dificuldades da vida com uma nova perspectiva. Muitas pessoas saem de um benzeimento não apenas mais leves, mas também com uma sensação de renovação, de que estão prontas para enfrentar os desafios que virão.

Essas mulheres são fontes de resiliência para quem chega até elas. Por meio de seus gestos e rezas, elas oferecem algo além da cura: um fortalecimento e um cuidado psicológico que ajuda a lidar com as dores da vida. Portanto, o benzeimento, enquanto tecnologia de cuidado, rompe com a lógica exclusivamente técnica do sistema de saúde e resgata valores essenciais: o acolhimento, a espiritualidade, a solidariedade e o respeito ao saber ancestral. Ele é, ao mesmo tempo, um retorno ao passado e um avanço na busca por práticas de saúde mais humanas e integradoras, que reconhecem o valor dos saberes populares e da força das relações humanas.

### 2.3.5 O papel das benzedereiras na promoção de saúde

Início este tópico relatando sobre a sensação de haver algo especial no ar durante cada entrevista, talvez pelo reconhecimento de que estávamos ali, juntas, para resgatar e registrar aquilo que sempre fez parte de nós, mas que até então não havia sido formalmente contado. Com seus rostos marcados pelo tempo e pela experiência, minhas tias e minha bisavó narraram histórias sobre a prática do benzeimento e o que significava promover saúde em uma comunidade que, por muito tempo, não tinha acesso a médicos ou tratamentos modernos.

Eram histórias que ouvi quando criança, mas que agora adquiriam um novo peso e significado. Ali, entendi que o benzeimento era uma forma de resistência frente a toda opressão

experienciada pelo povo, acho que um dos motivos que as levava a não cobrar pelo serviço estava na necessidade de não se submeter ao sistema capitalista, construindo uma forma de promover a saúde, de sobreviver frente às injustiças sociais e econômicas que também assombram o meu povo.

A PS, como aponta Mattioni (2010), busca considerar as complexidades sociais, culturais e espirituais que influenciam o processo saúde-doença. Nesse sentido, práticas como as das benzedeiras contribuem para a construção de políticas e intervenções mais sensíveis às realidades culturais das comunidades. Descobrir o papel das benzedeiras na comunidade foi como abrir os olhos para algo muito profundo e enraizado. Percebi, em cada história que ouvi, como essas mulheres são figuras de referência e força para as pessoas. Quando as pessoas vão até elas, elas não procuram apenas um alívio para suas dores; procuram algo que vá além, um apoio que restaure a fé na vida e na própria força.

As benzedeiras, inseridas nas redes primárias, fortalecem os vínculos comunitários, criando espaços de cuidado baseados na confiança e na reciprocidade. Lopes *et al.* (2023) destacam que essas redes, sustentadas por laços familiares são essenciais para a promoção de saúde em contextos onde o acesso a serviços formais é limitado.

A promoção de saúde que elas oferecem surge de uma visão de mundo onde o cuidar é tão importante quanto curar. Com o tempo, percebi o quanto os benzimentos e os conselhos dessas mulheres ajudaram muitos a mudar de vida. As pessoas se sentem mais protegidas, mais em paz e mais capazes de enfrentar as dificuldades. O que elas oferecem é uma mudança de olhar, uma transformação interna, algo que a própria comunidade reconhece e valoriza, vendo nelas um pilar essencial para a saúde e o bem-estar de todos. Essas histórias, esses encontros, foram reveladores para mim. Senti, com cada relato, que as mulheres benzedeiras da minha família promovem uma verdadeira transformação de vida, restaurando o equilíbrio e o ânimo das pessoas.

As práticas das benzedeiras destacam a importância de uma promoção de saúde que respeite as experiências e os saberes locais, evidenciando o benzimento como uma tecnologia de cuidado integral. Essa abordagem não apenas beneficia a saúde física, mas também fortalece os laços sociais e resgata valores comunitários, alinhando-se aos princípios da Promoção da Saúde (Mattioni, 2010). Em Jamacaru, as benzedeiras promovem um cuidado que integra corpo, mente e espírito, profundamente conectado às tradições culturais e religiosas, desempenhando um papel essencial no enfrentamento de enfermidades e problemas emocionais ou espirituais.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo essas escrevivências relatando o quanto sou grata por fazer parte de uma família, onde as benzedeiras foram e ainda continuam sendo pilares em Jamacaru, figuras de referência que estão sempre disponíveis para quem precisa, sejam crianças, jovens, adultos ou idosos. Elas carregam o saber que vai muito além da cura física, que estão nos conselhos baseados em suas experiências de vida, na escuta e no acolhimento que trazem um conforto que às vezes só o olhar compreensivo e a mão estendida conseguem oferecer.

Aprendi com minhas tias e minha bisavó, que saúde não se limita a um corpo sem dor; ela se desdobra no bem-estar coletivo, na solidariedade e no apoio mútuo. Lembrei de uma fala da minha bisavó Nildete, já falecida, que dizia: “é ajudando uns aos outros que a gente fica mais forte.” E, de fato, quando alguém vai buscar uma benzedura, o que busca não é só o alívio da dor, mas também a força para enfrentar o que está por vir. Cada benzimento é um ato que reforça o tecido comunitário, criando laços de confiança e respeito.

A prática das benzedeiras alinha-se com os princípios da promoção de saúde, pois é acessível, culturalmente adequada e tem um impacto positivo na qualidade de vida da comunidade. Integrar esses saberes ao sistema de saúde, ou ao menos reconhecê-los, representa um passo importante para que o SUS promova um cuidado mais abrangente e respeitoso às necessidades culturais e espirituais das populações.

Este trabalho foi um verdadeiro atravessamento com minha força ancestral, conectando-me profundamente às raízes que sustentam minha história e identidade. Esse conhecimento não apenas revelou o poder do passado como fonte de sabedoria, mas também se tornou um recurso essencial para fortalecer vínculos e resgatar a força Sankofa. Esse conceito, que carrega a ideia de "retornar para buscar", simboliza a importância de aprender com o passado para iluminar o presente e projetar um futuro mais sólido. Como destaca Nogueira (2019), Sankofa representa um convite ao retorno para ver, ouvir, saber e construir um mundo no qual os direitos sejam assegurados para todos, respeitando e valorizando as múltiplas formas de ser e estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, P. C., MINAYO, M. C. de S. **Saúde, cultura e espiritualidade: a pluralidade da medicina popular.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.
- BENTO, A. L. **De Goyanninha a Jamacaru: Uma viagem em busca dos tesouros de nossa terra.** Gráfica Royal, Juazeiro do Norte -CE, 2018.
- BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã.** São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS.** Ministério da Saúde, 2018.
- BUSS. P. M.; FILHO, A. P. **A Saúde e seus Determinantes Sociais.** PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007.
- CAMPOS, E. **Medicina popular do Nordeste: superstições, credices e meizinhos** (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: O Cruzeiro, 1967.
- CARTA DE OTTAWA. **I Conferência Internacional de Promoção da Saúde.** In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. 1986.
- CARVALHO, A. R. D., et al. **Saberes tradicionais e práticas de cuidado em comunidades rurais.** Saúde e Sociedade, 30(2), 1-10, 2021.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas. 1991.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença.** Porto Alegre; Artmed; 5 ed; 2009.
- HOOKS, B. **All About Love: New Visions.** William Morrow Paperbacks, 2000.
- JUNIOR, Jorge T. G.; SANTOS, Marta S. **Psicologia e espiritualidade: O papel dos saberes ancestrais no bem-estar.** Psicologia & Sociedade, 2020.
- LAPLANTINE, F. **Antropologia da doença** (4a ed., V. L. Siqueira, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.
- LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.** ColecciÛn Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.
- LOPES, R. L. B.; RIBEIRO, L. C.; OLIVEIRA, D. M.; **A saúde promovida por redes sociais e comunitárias de mulheres de baixa renda.** CSP: Cad. Saúde Pública 2023.
- MARIN, R. C., & Scorsolini-Comin, F. **Desfazendo o “Mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeiras.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2017.
- MATTIONI, F. C. **As redes sociais no fortalecimento da ação comunitária: possibilidades e desafios para a promoção da saúde.** Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública. Rio de Janeiro: s.n., 2010.

- MCGOLDRICK, M., Gerson, R., & Petry, S. **Genograms: Assessment and Intervention.** W.W. Norton & Company, 2008.
- MEDEIROS, R. E. G., NASCIMENTO, E. G. C., DINIZ, G. M. D., & ALCHIERI, J. C. **Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, 2013.
- MENEZES M., MORÉ C., BARROS L. **Redes sociais significativas de familiares acompanhantes de crianças hospitalizadas.** In: Atas do 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. Aracaju: Ludomedia; 2015.
- MERHY, E. E. **Em busca do cuidado em saúde: um ensaio sobre o trabalho em saúde.** Hucitec, 2002.
- MINAYO, M. C. de S; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** 28.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MOURA, E. C. D. de. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção.** MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 2011.
- NOGUERA, R. **Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31: mai.-out./2019.
- NOGUEIRA, F. S. **Sankofa: a ancestralidade como caminho para a transformação.** Revista Brasileira de Estudos Africanos, 4(2), 23-40, 2019.
- OLIVEIRA, E. R. **O que é benzição.** Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense, 1985.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde. Genebra:** OMS, 1946.
- PENNA, C. **Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana.** Revista sobre estudos e pesquisa sobre as Américas v.8. n.2. 2024.
- QUIJANO, A. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2020.
- REZENDE, L. B. M.; CAMPOS, B. S. **Memória, alteridade e escritas de si em Conceição Evaristo, Maria Auxiliadora, Carolina de Jesus e Elza Soares: a arte da “escrevivência”.** estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 66, e6706, 2022.
- ROTHER, E. T. **Editorial: Revisão Sistemática x Revisão Narrativa.** Editora técnica da Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo, 2007.
- RUBERT, G. C. M. **A construção do sagrado: benzedeiras e práticas religiosas em Cambé/Paraná (Dissertação de mestrado).** Universidade Estadual de Londrina. Londrina, PR, 2014.

SILVA, D. F. T. **Umbanda: uma religião brasileira.** São Paulo: Ícone, 1985.

SILVA, R. G. **Saberes tradicionais de benzedeiras e os processos educativos da EJA.** Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. - Belo Horizonte, 2022.

SOARES, L. V. MACHADO, P. S. “**Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social.** Psicologia Política. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago. 2017.

SOUZA, D. L. **Escrevivência: entre a escrita e a vivência no contexto da pesquisa social.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2016.

SPINK, M. J. BRIGAGÃO, J. NASCIMENTO, V. CORDEIRO, M. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas.** – 1.ed. – Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.